



SERES CRIATIVOS DA FLORESTA

Cristine Takuá

Fala apresentada na roda de conversas *Biosfera* durante o *Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida*, no Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 13 de novembro de 2019. Transcrito por Camila Vaz.

Eu vou começar minha fala com um canto porque acredito que esses encontros criativos alegam a alma e o canto ajuda a mim, pelo menos, a organizar as ideias.

(Canto Guarani)

Bom, eu queria compartilhar um pouco de alguns pensamentos que venho pensando ao longo de alguns anos e ouvindo vocês eu fiquei com uma energia forte dentro de mim. Eu sinto que o grande erro da ciência – e como diz o Ailton, “dessa humanidade que a gente pensa ser” – foi ter virado as costas, ter ocultado, acredito que negado o conhecimento dos povos indígenas do mundo, a grande complexidade que existe nos saberes da floresta, que eu não vou chamar aqui de “ciência da floresta”, porque esses saberes e fazeres da floresta estão para além da ciência, como se fosse uma “metaciência”, não sei.

Essa grande complexidade que existe na floresta dialoga há muitos séculos com uma forte potência criativa de seres vegetais e animais que, assim como nós, há muitos séculos resistem e criam fórmulas de continuar caminhando neste planeta.

Ouvindo vocês, estudiosos e pesquisadores com suas questões e inquietações, sou levada a pensar sobre o ocultamento da sabedoria (indígena), e sua ausência nas universidades, por exemplo. Há 13 anos eu ousei querer estudar filosofia na universidade e percebi que o diálogo criativo com seres vegetais e animais não está presente nas “universidades” – que de universal quase pouco tem.

Quando fui estudar na universidade, fiquei um tanto quanto assustada por que parecia que eles diziam que só os homens pensam.

Na história que me foi retratada do nascimento da filosofia na Grécia, homens produziram pensamento, sistematizaram seus saberes e deixaram livros históricos, que pouco são praticados pelos seus. A gente observa isso, até hoje lá nas terras onde os “seus” vivem.

Isso me assustou bastante e me fez, ao sair da tal universidade, continuar dialogando – tentando ao menos dialogar – com os seres criativos da floresta. E eu os estou chamando de “seres criativos da floresta” por conta de uma história que uma mulher muito especial pra mim, uma curandeira, a avó dos meus netos, me contou um dia. Que há muito muito tempo, *Nhanderu*, que é o nosso pai supremo, os Guarani assim o chamam, tinha duas filhas: a *Takuá* e a *Ka’á*. Eram duas lindas mulheres. Ele pegou e transformou essas duas mulheres em dois seres: a *Takuá* virou a taquara – que hoje é usada para muitas coisas como fazer cestos, fazer remédio, fazer diversos tipos de produções artísticas; e a *Ka’á* virou uma planta conhecida por muitos como erva mate, que os gaúchos chamam de chimarrão. A *Ka’á* virou uma planta muito poderosa. Para o povo Guarani a *Ka’á* é uma planta que traz muitas mensagens, traz força, iluminação, traz cura, nos mais diversos sentidos do que é a cura.

Quando ela me contou essa história, eu comecei a sentir isso de verdade, observando esse diálogo na maioria das vezes feminino com a *Ka’á* e com a *Takuá* hoje. Foi assim que comecei a refletir ainda mais sobre esses diálogos criativos da floresta, sobre os conhecimentos e as filosofias complexas que habitam na vida dos povos tradicionais ancestrais da Terra há muitos séculos. Só que esses saberes não conseguem dialogar diretamente com essa universidade, que escreve tanto e parece que observa pouco a sutileza das diversas formas de transmissão de conhecimento.

A memória também é um ponto que eu venho pensando. O David Kopenawa, sempre diz que os brancos escrevem muito e que tem uma mania incansável de ficar anotando as coisas para não esquecer. Só que os povos tradicionais não tem o hábito de escrever em papel para guardar suas lembranças.

Eu sou por parte de pai Maxakali. Os Maxakali são um povo incrível de resistência, eles guardam cantos das mais diversas formas de animais, de seres *yãmîy* que existem na floresta. Tem mais de 35 cantos das abelhas.

Hoje, na Mata Atlântica e Cerrado que habitam em Minas, umas oito ou dez espécies de abelhas se encontram. Mas as crianças sabem o canto das mais de trinta abelhas, sem nunca as terem visto. A memória ancestral, que sustenta essa sabedoria milenar, é muito complexa. Então, eu fico pensando sobre essa memória, sobre essa potência do diálogo criativo com os seres vegetais e animais e penso também no sonho, porque eu sou educadora.

Eu fui estudar filosofia e depois, quando abriu a instituição escolar na minha comunidade – onde hoje vivo, na aldeia Rio Silveira, que fica em meio a Mata Atlântica, na praia de Boracéia, no litoral norte de São Paulo – eu comecei a falar na escola sobre sonho. A instituição escolar que criaram, que antes não existia dentro das comunidades, essa instituição está fazendo com que as crianças deixem de sonhar. O tempo imposto pelas instituições – hora de sair, hora para chegar, hora de merendar – faz com que as crianças percam seu fluxo natural de vida. Então é essa atenção e cuidado que nós todos devemos ter com as crianças: qual o objetivo da escola na nossa vida? Nas nossas sociedades não existia escola e não existe hospício, creche, asilo – nenhuma dessas formas de trancamento ou unificação de transmitir conhecimento ou modelar as pessoas. E eu tenho observado que ao longo da história parece que as pessoas querem trazer essas instituições para dentro dos saberes dos povos tradicionais.

As pessoas andam muito adoecidas, me parece. Adoecidas no sentido de um vazio: como uma árvore que é um pau oco por dentro. Que ele só por fora é pau, mas por dentro é oco. Parece-me que muitos estão ocos por dentro. Por que, ao longo da história também, a monocultura da fé, a monocultura alimentar, a monocultura mental, estão fazendo com que as pessoas se unifiquem, que as pessoas percam o sentido de entender a própria fruição da vida, a própria complexidade desses diálogos criativos que nos colocam em outro lugar, que nos colocam na relação natural com outros seres.

Por que os seres humanos se distanciaram tanto dos outros seres? Por que os cientistas, hoje, tem que ficar pensando: será que a gente vai ter que ir embora desse planeta? Os povos indígenas existem há séculos: criando fórmulas, recriando fórmulas. Formas resilientes, sustentáveis,

regenerativas, de continuar este diálogo criativo. E eu acredito que não vamos desistir. Por isso eu falei da educação: porque acredito que a regeneração de Gaia, que foi falada muito pelo Fabio (Scarano), pode se dar através da educação. Não essa educação ocidental, quadrada, de instituição, mas, sim, uma educação sensível.

O guarani tem um termo, conceito, que chama *Tekó Porã*. Então eu penso em uma educação que tente dialogar com este conceito do *Tekó Porã*, que seria como uma boa e bela forma de você ser e estar no território. Bom, mas como a gente vai ser e estar de boa e bela forma no território se o rio está morto, se, como diz o Ailton, a montanha foi comida? Repensar – e recriar novas formas de existência – é uma coisa meio dolorida. Mudar de hábitos é como você trocar de pele, tem que ter coragem. Como a mãe quando nasce o primeiro filho e vai amamentar. A dor no seio é muito grande, parece que está enfiando uma agulha no bico do seio porque dói para amamentar o filho. Muitas desistem: “ai dói muito, não vou aguentar”. E aí se desiste de amamentar o filho.

Mudar de hábito é como se fosse essa dor: uma dor de coragem. Você sabe que tem que amamentar seu filho, porque amamentando ele vai ter saúde. Mudar de hábitos e ter coragem de refazer algumas caminhadas. Pode ser doloroso no início, mas representa uma mudança da ética que você vai ter com você mesmo na sua caminhada.

Eu ando vendo muita gente falando da Amazônia, que precisa preservar o ambiente. Na época de Belo Monte, muita gente levantando a bandeira “Belo Monte não”. Muitos ativismos, mas ativismos da boca pra fora. De nada adianta levantar uma bandeira “viva amazônia” se continua alimentando o que está estuprando a Amazônia.

Então quando eu falo de mudança de hábito, e que isso dói como trocar de pele, eu digo que já passou da hora da gente começar a ter coragem de realmente fazer um equilíbrio – eu chamo isso até de um certo pacto – que seria você conseguir equilibrar o sopro de amor que sai da nossa boca quando a gente fala – as nossas ideias, as nossas inquietações, os nossos sonhos – equilibrar esse sopro de palavra com o compasso dos nossos pés, da nossa caminhada na Terra. Porque não adianta minha boca ir para lá e meu pé vir para cá. Esse equilíbrio entre o que a gente fala e para onde a gente anda é o que precisa nortear essa nossa coragem

e compromisso ético com a gente mesmo, com os nossos filhos e com todos os outros seres.

A arrogância universal do homem e as diversas leis que hoje nós temos: direitos humanos, direitos da criança, direitos, direitos... humanos! E a paca? A cutia? A formiga? A abelha? A samaúma? E todos os seres que vivem na floresta? A gente não vai convidar eles aqui para conversar com a gente – mesmo porque eu acho que eles não viriam. Quando nós vamos conseguir refazer a caminhada e dialogar com esses seres que estão lá? A lontra está lá na beira do rio, pensando como que seus filhos vão conseguir brincar na beira do rio que está podre pelas nossas fezes, pela ganância de todos, de consumo, consumo e consumo. São essas coisas que eu venho refletindo ao longo de alguns anos e tentado dialogar com os meus alunos, com as pessoas que eu vivo, no sentido dessa ética e do compromisso com o que realmente a gente quer.

A grande teia que envolve a vida, essa grande interação de relação entre os seres animais e vegetais, ela foi totalmente desestruturada. Os seres humanos romperam todas as formas de interações dessa teia. Como agora tecer e pegar o fio dessa meada que se perdeu é um compromisso urgente de nós todos. Não adianta mais escrever, não adianta mais formular. Tem que praticar agora, todos juntos por mais difícil que seja.

Conversando com as parteiras e com os rezadores, eles vêm falando que os espíritos da floresta estão muito bravos e eles estão vendo tudo o tempo todo. Mas será que a ciência está dialogando com os espíritos da floresta? Será que a ciência está entendendo de que não adianta só escrever? Que tem que sentir, que tem que perceber, que tem que interagir com todas as formas outras não humanas?

No início desse entendimento, desse agrupamento multicultural que se deu na América, há uns séculos atrás, chegou essa tal monocultura. Com a cruz e a espada chegou a monocultura. No entanto, muitos criativos – e o Ailton é um deles que eu admiro muito, assim como outros, o Carlos Papá, o txai Ibã, o Davi Kopenawa e o *xeramoí* aqui Dua Busã – resistem transmitindo seus saberes, praticando na floresta os diálogos criativos. Um encontro como esse me alegra muito. Ver cada um de vocês realmente se preocupando em transmitir saberes no sentido de um amplo diálogo, porque também não adianta a gente ficar falando só isso entre um ou outro.

Penso que a regeneração de Gaia é possível no sentido de que a gente começa a repensar os princípios que norteiam a vida das nossas crianças. A tecnologia que vai se desenvolvendo, que vai engolindo todo mundo, por que as pessoas permitem? Por que as pessoas querem tanto se comunicar com o outro que está lá longe e não conseguem parar pra sentir “o que eu sonhei hoje”? Vocês sonharam hoje? Se a gente começar a ouvir os nossos sonhos eu acredito que é possível a gente começar a se potencializar e tomar coragem de mudar de hábitos.

A terra é muito mais forte que nós, é uma grande mãe sagrada. A floresta é um grande pai, com todos seus seres vegetais, animais – seres visíveis e invisíveis. Nós é que somos pequeninos, somos só um grãozinho no meio dessa grande imensidão de saberes que existe na floresta.

Então, eu queria compartilhar um pouco dessas minhas inquietações com vocês e dizer que nós estamos todos no mesmo barco. Precisamos aprender a remar. Se nós todos conseguirmos remar na mesma direção, talvez a gente avance. Avance no sentido do respeito, e de que um dia, por exemplo, a tal universidade consiga respeitar, e equilibrar, as diversas formas de saberes, por mais que não as entenda.

O guarani também tem um conceito bem complexo chamado *arandu*. Muita gente traduz *arandu* como sabedoria, mas *arandu* é muito mais que sabedoria. Seria, mais ou menos eu tentando ousar a traduzir, *arandu* como “a pessoa que tenha sensibilidade de sentir a sua própria sombra”. Alcançar esse *arandu* é o que os grandes *xeramoí*, os grandes sabedores, buscam quando se concentram com o seu *petynguá*, que é um cachimbo sagrado, e o tabaco.

O tabaco é uma planta muito sagrada, assim como ontem na abertura foi falado da ayahuasca, que vários povos chamam de outros nomes, como os Huni Kuin de *nixi pae*, e vários outros... o *penty* com o *corró* como falam os Maxakali.

O tabaco é uma planta muito sagrada, uma planta que te comunica e te leva para o encontro com *arandu*. Só que a sociedade nessa mania de dominação, controle, acúmulo, transformou o tabaco num produto cancerígeno. Quando eu vejo um rótulo de caixinha de cigarro escrito “cuidado isso mata”... Os grandes pajés ensinam a gente que o tabaco cura. E aí no bar, nos mercados, diz que o tabaco mata. Essa inversão de

valores, e o desrespeito com ser sagrado que é o tabaco, me coloca para a pensar nessa ética, nesse compromisso com os diversos seres. Por que o tabaco foi marginalizado? Por que o tabaco causa câncer, como dizem alguns? Eu conheço alguns Guarani de 110 anos hoje, ativamente cantores, rezadores, que usam o tabaco com muita sabedoria.

Isso nos coloca para parar e pensar: qual a nossa relação com seres sagrados? Com a água? Com o tabaco? Com todos os seres? Eu deixo essa pergunta pra vocês.

Aguyjevete.